O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXX Volume | 10 de Março de 1907 | Nº 1015

SUA MAGESTADE O REI FREDERICO DE SAXE EM LISBOA

SUA MAGESTADE O REI FREDERICO DE SAXE

Chronica Occidental

Uns dias cheios, tão cheios como o theatro de S. Carlos, quando se canta o *Amor de Perdição*.

Quanta coisa e de tão differentes generos havemos de enfiar n'esta cavaqueira hebdomadaria: triumphos e sustos, revoltas e conselhos, visitas e abaladas, lindas coisas de arte, inquietadoras questões politicas! Terá o rosario mais padre-nossos que ave-marias, que tudo foi importante, e, á hora em que escrevo, quasi tudo ainda está de pé, e em plena actividade continuam as discussões.

Não chegamos a saber se a ultima novidade — chegada do rei de Saxe a Lisboa — foi sufficiente para, por mais d'um quarto d'hora, desviar as attenções, e se o desfilar pelo Terreiro do Paço dos lindos coches amarellos fez esquecer a multidão de capas de estudantes, que todos avistámos, um dia d'estes, pelas mais frequentadas ruas de Lisboa.

O vapor e a electricidade fizeram o mundo tão pequeno e os monarchas teem todos tanto bicho carpinteiro, que, estamos em crel-o, nem a imperatriz da China nem o imperador do Japão seriam hoje caso de sensação em qualquer capital.

Um feriadito nas repartições e dois feriados aos rapazes commemorando a visita, trouxeram a muita gente um bocado de alegria. Foi aproveitado o tempo no cortar de mais uns bichos para o concurso do *Seculo*, e, se fossemos escutar por essas portas o que diziam os differentes moradores, mal descançada a tesoira, ouviriamos — isto é certo — que todos falavam d'arte ou de politica.

Como temos a escolha, falemos d'arte primeiro, já que dias e dias por vezes se passam sem que tenhamos de nos referir a... Iamos escrever *a Sua Alteza*. Pois d'esta vez parece-nos que bem poderiamos dar-lhe o tratamento.

Trata-se de dois grandes artistas, d'um que provou sua grandeza n'uma vida inteira de trabalho, d'outro que, um d'estes dias, foi acclamado por toda a critica de Lisboa. Com duas palavras noticiosas pelo menos, ainda mais uma vez, aqui nos havemos de referir aos grandes talentos de Rafael Bordallo, tão saudoso, é de João Arroyo, agora na pujança da vida, e que era, ainda ha oito dias, uma fulgurante esperança, mas que é, já hoje, uma gloria nossa.

El-rei visitou na quarta-feira a exposição nas salas da *Illustração Portugueza* em que se acham reunidas muitas das melhores obras de Rafael Bordallo. Juntou seus elogios aos de todos que ali teem ido admirar o talento prodigioso d'um dos mais fecundos artistas portuguezes. Continua Manuel Gustavo a obra de seu pae. E' a melhor consolação que podemos ir buscar ao vivo desgosto que o coração nos magôa, recordando a morte de quem nos foi tão caro e sempre por nós tão admirado. Nem tudo morreu com elle; vive a obra e é fecunda.

Parece, ás vezes, que os portuguezes se envergonham de ser patriotas, mas, innegavelmente, quando arte nossa, com suas raizes em tradições da nossa terra, nos faz mover o coração, a não ser por excepcional e muito antipatico *snobismo*, raros deixam de sentir uma agradavel lagrima de sensibilidade vir-lhes humedecer as palpebras. Isso acontece aos que saudosos contemplam a obra prima de Rafael, e o mesmo succedeu aos que, mal ter-

DESEMBARQUE DE S. M. O REI FREDERICO, NO CAES DAS COLUMNAS

(Instantaneo do sr. Benoliel)

minou o preludio da opera de João Arroyo, se ergueram a applaudil-o, commovidos e enthusiasmados.

Quando o grande maestro me fez a honra de convidar me para ouvir a sua opera ao piano, n'estas columnas dei conta aos leitores da minha impressão, e, com melhores razões que as do astronomo que, ha dias, prophetisou para este mez o fim do mundo que devia de encontrar-se com um cometa, eu previ o caminho do novo astro no céo da arte portugueza.

Não eram difficeis os calculos. Podem argumentos falhar, raras vezes falha o coração que se commoveu, prevendo eguaes sentimentos no coração dos outros.

Foi um grande triumpho o que obteve João Arroyo no theatro de S. Carlos. O assumpto foi elle buscal-o ao mais lido de todos os livros do grande mestre, e as palavras maravilhosas de Camillo Castello Branco expressando na mais bella das linguas a mais acrisolada das paixões, bem mereciam que em notas genuinamente portuguezas fossem cantadas. Já o nosso Garrett, antes de Baudelaire, tinha falado na fusão dos sentidos; deixem-me por isso arriscar uma imagem: direi que a musica de João Arroyo *cheira* ao nosso torrão. Diz isto a sua inspiração e originalidade.

Grande artista foi elle sempre, e, em tudo e sempre, seu bom gosto de artista se revelou. Agora mesmo, depois de consagrado excellente musico, não quiz que esfriasse, nem sequer por tal motivo, sua fama de orador excellente. Discutiu-se na camara dos pares o caso dos estudantes, e elle pediu a palavra e falou como sempre fala. Ha de todos os mais assumptos discutil-os tambem, com a mesma alta intelligencia, com o mesmo fogo, artista na palavra, artista no gesto, artista sempre.

E não lhe faltarão assumptos. O esmorecimento da discussão a proposito dos sanatorios não deu descanço ao governo, porque muito mais importantes e de solução mais urgente se apresentam o caso de Coimbra e o protesto dos estudantes.

A lei de imprensa continua em discussão na camara dos pares, e os que menos se deixam attrahir pelas discussões politicas leram o excellente discurso do sr. conselheiro Julio de Vilhena, e ainda mais que o discurso commentaram as razões que obrigaram o antigo ministro a quebrar tão eloquentemente um silencio de muitos annos. O olhar que os politicos deitam uns aos outros parece significativo de moiro na costa.

Mas os estudantes não davam tempo a que se cotejassem as variadas conclusões. A reprovação nas theses do antigo alumno da Universidade, sr. José Eugenio Ferreira, foi motivo — ou melhor diriamos pretexto — para a expansão dos animos, ha muito convencidos da necessidade d'uma reforma radical dos estudos em Coimbra. Uns quatrocentos alumnos vieram a Lisboa trazer o seu protesto e aqui encontraram, nos collegas de Lisboa, uma adhesão prompta e, por isso mesmo, de grande valor moral. A decisão ainda está pendente e não é facil.

Theophilo Braga foi acclamadissimo pelos estudantes. Os jornaes publicam a carta que elle escreveu ao sr. José Eugenio Ferreira.

Segundo os ultimos telegrammas recebidos de Coimbra, a academia mantem-se na mesma attitude, aguardando a resposta do governo.

Com muitos vivas das academias de Lisboa partiram os de Coimbra. Quando, pelo Rocio, Rua Nova do Carmo e Chiado, novos vivas eccoaram na noite de quarta-feira, os que andavam pelas ruas perguntavam curiosamente, assustados alguns, que mais haveria. Eram os viticultores que se haviam reunido em banquete no hotel Avenida Palace, e acompanhavam o seu presidente á Real Associação de Agricultura.

O Dr. Oliveira Feijão havendo já recebido a medalha d'honra que lhe fora votada, viu, durante o banquete, acclamar a proposta de lhe ser erigido um busto de bronze n'uma das salas da Real Associação.

Fala-se em mais comicios, e de muitos pontos do paiz chegam noticias de manifestos. Os de Torres Vedras tratam de vir, no maior numero possivel, até ao paço, queixar-se a El-Rei.

E, em meio de tantas agitações, fala-se constantemente em crises do governo, violentamente atacado sempre, até quando para isso não haja — mas sempre se encontram — excellentes razões.

Os revisteiros devem ir tomando suas notas. Estes dez dias podem dar-lhes excellentes finaes d'actos apotheoticos, e, segundo nos parece, o caso das batotas na Madeira não deixará de lhes fornecer um bom quadro. As revistas continuam na moda. De velha falleceu uma na Avenida e ja outra viu a luz na Trindade. Desejamos-lhe a longa vida da primeira.

E do que vai pelos theatros não temos muito mais a dizer. Continua misteriosa a decisão do governo a respeito do theatro de D. Maria. No do Principe Real representou-se um original de Lopes de Mendonça que foi muito applaudido. No Gymnasio, o actor Silvestre Alegrim confirmou seus creditos de optimo artista comico n'uma nova peça engraçadissima de Eugenio Rodrigues. Ao D. Amemelia chega um dia d'este a companhia da Tina di Lorenzo.

São novidades. Falemos agora de dois velhos, mais uma vez n'esta chronica recordando grande arte. Recortamos d'um jornal esta quintilha de Bulhão Pato enviada ao Taborda, quando fez oitenta e dois annos:

> Oitenta e dois! Qualquer dia,
> Os tenho sobre o espinhaço...
> Francisco, venha um abraço,
> E vamos, mas passo a passo,
> Para a eterna romaria.

Felizmente os dois velhos gosam de excellente saude e hão de passar na romaria pela estação do centenario.

João da Camara

O Rei de Saxe em Lisboa

Desde o dia 7 que se encontra em Lisboa Sua Magestade o Rei Frederico Augusto de Saxe, de visita a El-Rei D. Carlos e a Portugal, patria de sua mãe a Infanta D. Maria Anna, fallecida em 5 de Fevereiro de 1884, depois de um parto laborioso.

Não é a visita de um simples monarca estrangeiro que temos a registrar neste repositorio da Historia, mas a de um soberano em cujas veias corre tambem sangne português, o que mais o attrairá a este pais do sol, como lá fóra o chamam, pelo excepcional brilho que o rei dos astros apresenta n'este cantinho do mundo.

Sob este ceu benigno nasceu sua mãe, e quanto delle se lembraria a juvenil Infanta, quando nas brumas do norte, onde o destino a levou um dia, envolta no veu nupcial, perfumada da virginal flôr de larangeira colhida nos floridos pomares deste «jardim da Europa!»

Foi a primeira infanta filha de D. Maria II, nascida no paço das Necessidades a 21 de Julho de 1843, e que, antes de completar 16 annos de idade, casou, na capela daquelle palacio, com o principe Frederico Augusto Jorge Luiz Guilherme, depois rei de Saxe, o qual falleceu a 15 de dezembro de 1904. (1).

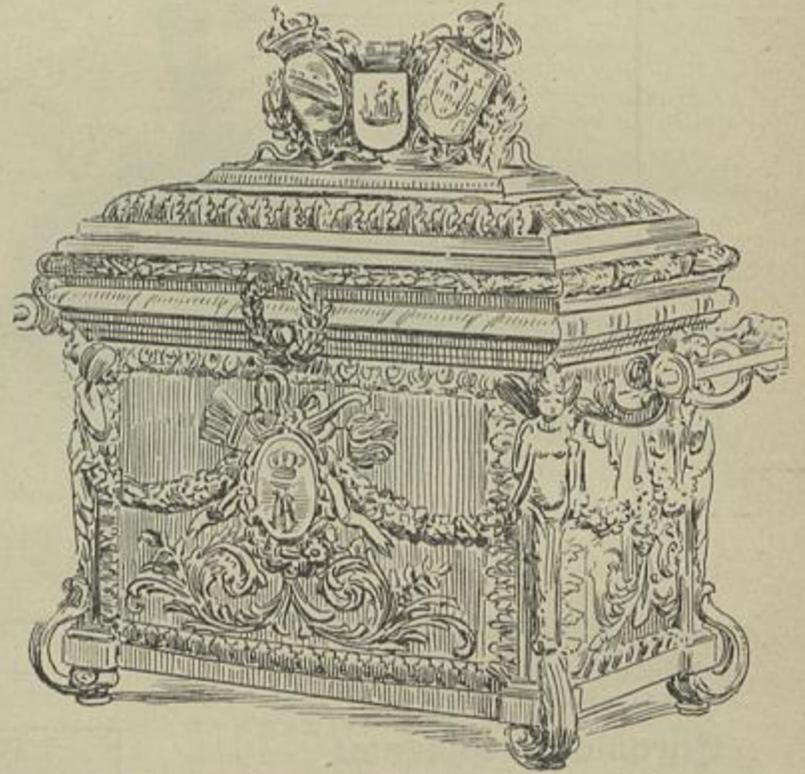
Desse casamento nasceram seis filhos: a Princesa Matilde a 19 de março de 1863; (2) o Principe Frederico Augusto, que nasceu a 25 de maio de 1865; a Princesa Maria Josefa, nascida a 31 de maio de 1867; o Principe João Jorge, nascido a 10 de julho de 1868; o Principe Maximiliano Guilherme, que nasceu a 17 de novembro de 1870; e o Principe Alberto Carlos, nascido a 25 de fevereiro de 1875.

O Principe Frederico Augusto João Luiz Carlos Gustavo Gregorio Filipe, que, por fallecimento de seu pae, herdou o trono de Saxe conforme a constituição do reino, a qual estabelece a hereditariedade da corôa no primeiro filho varão, casou a 21 de novembro de 1891, em Vienna de Austria com a formosa arquiduquesa Luisa Antonieta Maria, que nasceu a 2 de setembro de 1870, e da qual se acha divorciado desde 1903, (3), havendo deste enlace seis filhos, sendo o primogenito o Principe Jorge que conta 14 annos de idade e é o herdeiro do trono; os Principes Frederico e Ernesto e as Princesas Margarida, Maria e Alice a ultima que nasceu em 1903.

Sua Magestade o Rei Frederico Augusto occupa o trono de Saxe desde 15 de dezembro de 1904, O seu reino faz parte da confederação germanica desde 21 de novembro de 1866, e rege-se por uma constituição decretada em 1 de setembro de 1838, a qual tem passado por sucessivas modificações, sendo a ultima a de 20 de abril de 1892.

A sua constituição estabelece, como em Portugal, duas camaras, a alta e a baixa. A primeira compõe-se de 48 membros, sendo 34 hereditarios e são: 2 principes da familia real, 3 da nobresa, 2 representantes dos senhorios feudaes de Shonburg, 22 deputados dos proprietarios ruraes, sendo 10 nomeados pelo rei, e 12 eleitos por aquelles, havendo ainda mais 5 de nomeação régia; os restantes 14 membros são eleitos para cada legislatura, que dura dois annos, e comprehendem 8 representantes das cidades, 1 representante da Universidade de Leipzig, o superintendente desta cidade e o prégador evangelico superior da côrte. A camara baixa é constituida por 82 deputados eleitos, 37 pelas cidades e 45 pelas communas ruraes. Só pódem ser eleitores os individuos de mais de 25 annos, e elegiveis os que tiverem mais de 30 annos.

Assim se rége este reino, cuja superficie é de 14:993 kilometros quadrados com 4.203:216 habitantes, sendo a sua capital a cidade de Dresde que conta hoje 480:658 almas, população extraordinaria se a compararmos á que tinha ainda nos principios do seculo XIX, em que não chegava a 70:000 pois era então uma pobre terra de pescadores que exerciam sua industria no Elba e no Weisseritz.

O novo rei da Saxonia é um principe illustradissimo que fez sua educação nas escolas de Leipzig

Cofre de prata cinselado oferecido pela colonia Saxonia a S. M. o Rei Frederico

onde deixou gratas recordações a seus condiscipulos com quem conviveu em familiar camaradagem. E' de habitos simples, estremamente afavel e muito popular em seu pais, que tem governado a contento do povo.

*

O Rei Frederico, chegou ao Tejo no dia 7, no vapor *Cap Ortegal*, e desembarcou cerca das 11 horas da manhan, tendo ido a bordo, no bergantim real para o receber, El-Rei D. Carlos, Principe Real D. Luiz Filipe e Infante D. Affonso com seus camaristas e ajudantes.

Foi cordealissima esta recepção, de um rei parente pelo sangue e que pela primeira vez pisa terra portuguêsa. Na Praça do Comercio foi armado um pavilhão onde o regio hospede recebeu os primeiros cumprimentos do ministerio da Camara Municipal e dos altos dignitarios da côrte, depois de que seguiu o cortejo real para o paço das Necessidades, fazendo alas nas ruas do trajéto as tropas da guarnição de Lisboa e do campo intrincheirado, sendo grande o concurso de povo que afluiu á passagem de Sua Magestade.

O Rei Frederico tem visitado com manifesto in-

---

(1) Vid. Occidente vol. XXVII, pag. 241 de 1904.

(2) Foi esta a Princesa que esteve o mês passado em Lisboa e a que o Occidente se referio em o n.º 1013 de 20 de fevereiro.

(3) Vid. Occidente vol. XXVI pag.as 6 e 8 de 1903.

teresse a nossa capital, desejando conhecer as suas belezas naturaes assim como os costumes, para o que tem percorrido não só os bairros novos como os antigos da Mouraria e de Alfama, o mercado da Praça da Figueira, os pontos altos da cidade, para gosar os esplendidos panoramas que de lá se avistam, os monumentos, incluindo o mosteiro dos Jeronimos, a Torre de Belem, etc.

Esteve tambem nos paços reaes de Cintra e da Pena; foi a Cascaes e assistio a exercicios militares no hipodromo de Belem. No dia 8 houve recita de gala no teatro de S. Carlos em sua honra e no dia 9 jantar de gala no paço da Ajuda.

Neste dia o Rei Frederico recebeu a colonia saxonia, no palacio da legação da Allemanha, a qual lhe offereceu, por mão do sr. J. Wimmer, um cofre de prata cinzelado, trabalho de alto merito artistico da ourivesaria portuguêsa, executado nos ateliers dos srs. Moreira e Filhos, do Porto. Este cofre foi muito apreciado por Sua Magestade como uma bella obra de arte, que prova bem o grau de perfeição da ourivesaria nacional.

Sua Magestade demora se em Lisboa até o dia 14 do corrente e visitará a Sociedade de Geographia, o Museu de Artilheria, a Escola de Mafra e outros estabelecimentos do estado, etc.

REAL TEATRO DE S. CARLOS

Amor de Perdição

A opera do sr. conselheiro Arroyo é, sem duvida, a mais séria e a mais completa manifestação d'arte, que nos ultimos tempos se tem produzido entre nós, e por isso esige uma critica desenvolvida nos seus mais insignificantes detalhes; a indole, porém, d'esta revista, e o pouco espaço de que podemos dispôr, obriga-nos a apreciar o magistral trabalho do sr Arroyo, unicamente nas suas linhas geraes, e pôr de parte grande numero de considerações que, aliás, são indispensaveis para se avaliar bem a alta envergadura do novo compositor.

O liberetto, extrahido do celebre romance de Camillo Castello Branco, apresenta-nos as principaes scenas que se desenrolam n'esse extraordinario drama d'amor.

Um preludio orchestral, pagina de musica de subido valor, que o sr. Arroyo tratou polyphonicamente com mão de mestre, e em que apparecem divinamente trabalhados, os themas d'amor, da maldição e religioso, serve d'introducção ao primeiro acto, que se passa nos jardins do palacio de Thadeu d'Albuquerque.

Os córos dialogados, a entrada de Balthazar, soberba pagina de musica descriptiva, a romanza de Simão, trecho melodico e bem lançado, e o duetto de Thereza e Simão, em que as phrases de grande sentimento pathetico, traduzem fielmente a paixão dos dois amantes, constituem um acto realmente interessante.

O segundo acto é aquelle que mais agrado desperta no publico; pela variedade de situações que o caracterisam e accentuada feição portugueza.

Passa-se no pateo do convento de Viseu, onde tem logar as festas do abbadessado e *outeiro*.

O duetto de Simão e Marianna, é admiravelmente tratado na orchestra, e muito interessante e original o côro da Cigarra e da Formiga.

Os bailados apresentam o caracter das dansas do norte, e constituem uma bella pagina de musica.

Por ultimo o concertante que precede o assassinio de Balthazar, e cuja phrase inicial é proposta pelo meio soprano e continuada por Thereza, revela bem a facilidade com que o sr. Arroyo maneja as vozes, e o vasto conhecimento que possue dos processos de instrumentação.

O terceiro acto, é, sem duvida, o mais completo, e n'elle pôz o sr. Arroyo, toda a sua grande alma d'artista.

No interior do convento de Monchique, Thereza, prestes a morrer, fas-nos ouvir uma romanza sentimentalmente melodica e talvez o trecho mais inspirado da opera O interludio orchestral, que se lhe segue, é uma pagina symphonica de altissimo valor, e o duetto d'amor entre Thereza e Simão, vem coroar por completo essa obra magistral.

Depois do sr. Arroyo é, sem duvida, o maestro Mancinelli, aquelle a quem cabem maiores elogios, pela fórma cuidadosa e intelligente como ensaiou e dirigio a opera.

A sr.ª Gagliardi, uma cantora de grandes recursos vocaes e artisticos, tem no *Amor de Perdição* um trabalho de subido valor.

Os outros artistas contribuiram para o explendido desempenho da opera.

Ao sr. Pacini cabem os mais justos elogios, por nos ter proporcionado o ensejo de ouvirmos, no nosso teatro lyrico, e com o maior brilhantismo, a opera do sr. Arroyo, uma verdadeira gloria nacional.

CRITICA TEATRAL

Amôr á antiga

A graciosa comedia *Amôr á antiga*, do snr. Dr. Augusto de Castro, que ha dias subiu á scena, no teatro de D. Maria 2.ª, forma honrosamente na vanguarda das mais explendidas producções do espirito portuguez, pela originalidade da ideia basica em que se firma a sua confecção e pelo brilhantismo do colorido artistico que lhe revela a forma, desdobrando-se em contornos admiraveis na belleza extranha das situações, no córte original das scenas, cuja successão se dá naturalmente, sem artificios de estructura scenica, sem aquella precipitação que ordinariamente se nota no desenvolvimento do enredo das peças portuguezas.

Com as peças d'este genero, succede muitas vezes, e d'isso temos visto innumeros exemplos, que o nosso publico, achando-se de repente ante a reproducção de scenas d'uma vida desconhecida por completo, como é a vida campestre, cheia de elegantes excentricidades, notas originaes, despida completamente de convencionalismos sociaes, arrancada aos caprichos capitosos d'uma sociedade em extremo superficial, manifesta, naturalmente, uma certa relutancia em as admitir, por isso que não pode firmar no seu espirito uma ideia clara, precisa, que o habilite a considerar como realidade da vida e não como phantasia do auctor o que ante os seus olhos se está desenrolando.

Com o *Amôr á antiga* não succedeu isso. A peça de Augusto de Castro está por tal forma bem traçada que o publico applaudio a logo na primeira recita e, o que é mais, comprehendeu-a.

Não é indifferente esta circumstancia e dadas as incompatibilidades que todos nós conhecêmos e que raras vêzes deixam de se manifestar entre o applauso, quasi sempre convencional, e a nitida comprehensão, merece, sem duvida, registar-se.

E' tão resumido o numero de esperanças teatraes, que ora se encontram nos palcos portuguezes, que é com o mais sincero enthusiasmo que me refiro ao trabalho explendido de Augusto de Castro, fazendo votos para que o talento brilhante do distincto escriptor, tenha occasião de se demonstrar muitas vezes no palco do nosso primeiro teatro.

O *Amôr á antiga* presta-se admiravelmente a provocar a demonstração d'essas paixões que divinisa o coração da mulher, levada quanta vêz ao sacrificio da propria vida, como o d'aquella creança que o auctor tão divinamente symbolisou na personagem Maria, ingenua, pura, sonhando com o amor eterno de Jorge, amor que sabe perdido já, toda esta hesitação da creança, entre o amor excitado pela embriaguez e o devêr sustentado pela amizade, está estudado e cuidadosamente tratado por mão de mestre.

Felicitando Augusto de Castro pelo seu valioso trabalho, o Occidente publicando o seu retrato acompanhado d'estas singelas palavras, procura demonstrar ao illustre escriptor o apreço em que tem o seu talento.

Mario de Santa Rita
(Silvio Cáto).

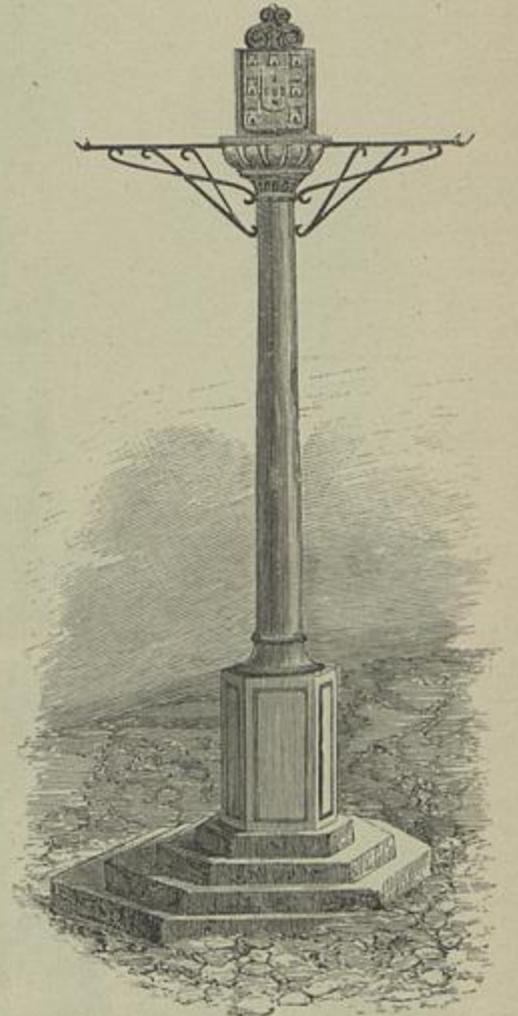
Restauração do Pelourinho de Palmella

Ao vandalismo, de que tem sido victima em nosso pais muitos monumentos da arte e da historia, não havia escapado a pelourinho de Palmella, mandado apiar em tempos, não sabemos por que demolidora vereação, que assim queria apagar da historia do seu municipio um dos mais importantes documentos da antonomia do concelho.

Como este infelizmente, outros tem desapparecido em varios concelhos do pais, por incuria e ignorancia dos seus ediles. Da villa de Almada sabemos nós que foi demolido ha bastantes annos o pelourinho, restos da columna do qual ainda se pode vêr meio enterrada ao principio do caminho, que da rua Bernardo Francisco da Costa se dirige para Motella, denominado Caranguejaes.

Teve agora o concelho de Palmella um benemerito, de quem consignamos o nome com prazer o sr. Manoel Joaquim da Costa, que se empenhou em restaurar o pelourinho daquella villa, o que felizmente levou a efeito, no dia 18 do mês passado, em que de novo a historica e antiga villa de Palmella, séde da ordem de S. Tiago, viu erguido o seu elegante pelourinho.

O acto da inauguração realisou-se á noite, com iluminação e o concurso das filarmonicas da terra, tendo o sr. Manoel Joaquim da Costa composto um himno que foi cantado por um côro de trinta creanças, e o mesmo senhor feito um discurso aproposito.

O pelourinho, como se vê da gravura, é dos

Pelourinho de Palmella

mais elegantes que conhecemos, conservando ainda os ganchos em ferro forjado, vendo-se no topo da columna as armas de Portugal. A restauração do historico monumento foi feita a expensas da camara municipal de Setubal, digna por isso de todo o louvor.

Que esta restauração seja o inicio de uma nova éra de prosperidades da velha villa, em que volte a seu antigo esplendor e importancia.

Provas finaes de recrutas da Armada no Quartel de Marinheiros

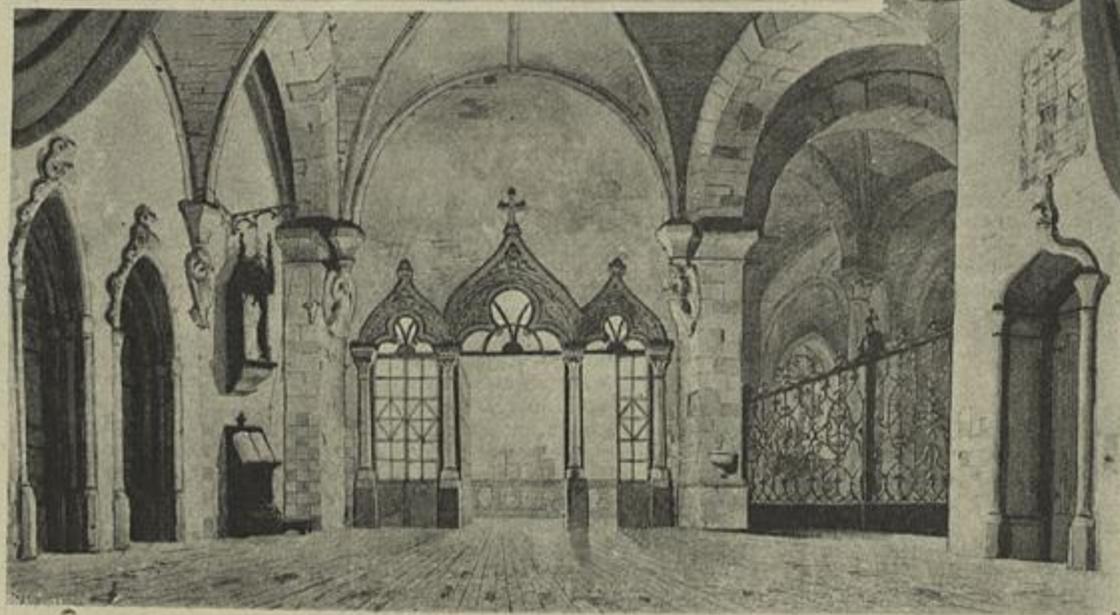
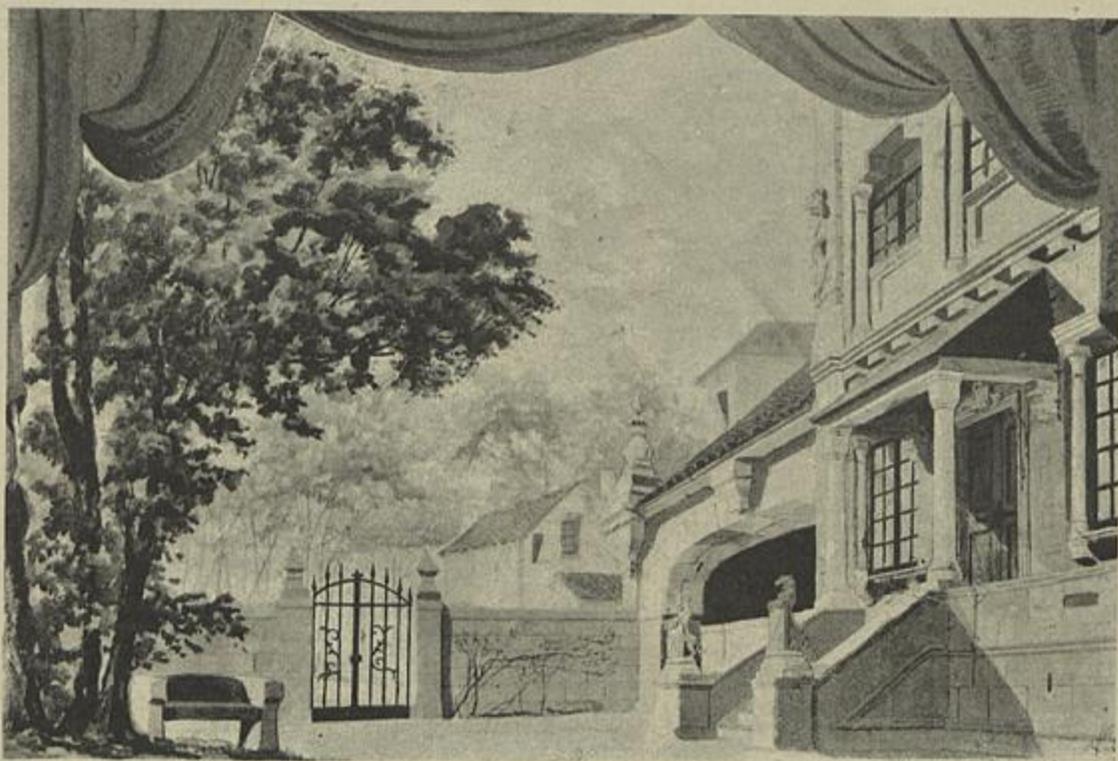
Foi uma novidade interessante os exercicios de gimnastica e de armas executados na parada do quartel dos marinheiros, no dia 2 do corrente, por 400 recrutas da armada que terminaram sua instrução.

Assistiram a esses exercicios Sua Magestade El-Rei D. Carlos, Sua Alteza Infante D. Manoel, srs. presidente do conselho, ministro na marinha, major general da armada Ferreira do Amaral, commandantes do corpo de marinheiros, coronel Apparici adido militar espanhol, oficialidade de marinha e do exercito e grande concurso de povo.

As provas constaram de: gimnastica, esgrima de baioneta, luta de tração, jogo da barra, lançamento de bala e corrida de tres pernas.

Todos estes exercicios foram executados pelos recrutas com muita precisão e destrêsa, sendo conferidos varios premios aos que mais se destinguiram, sendo um desses premios uma taça de prata oferecida por Sua Magestade.

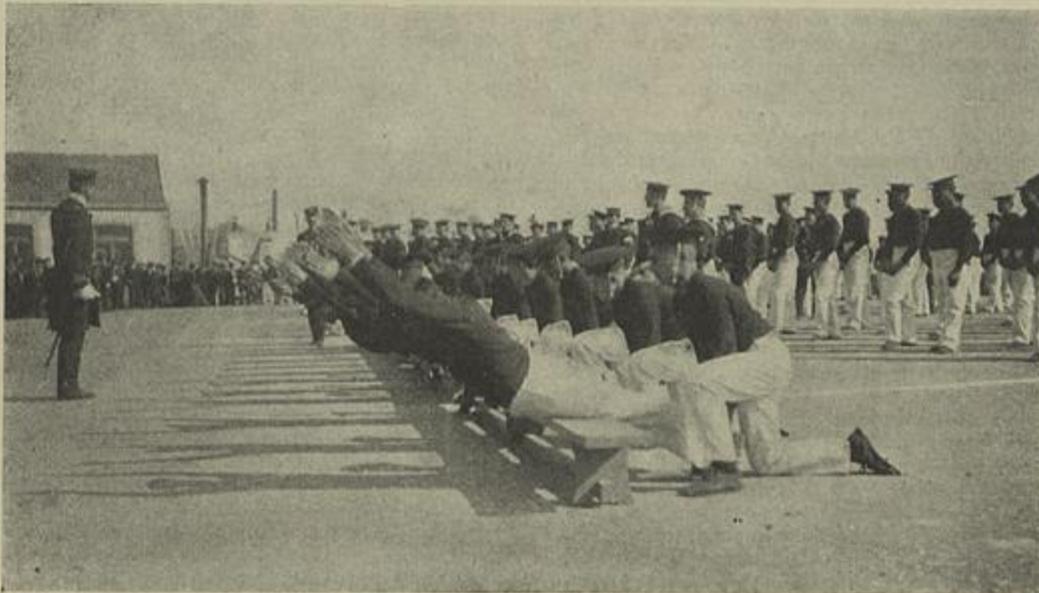
O juri que devia conferir os premios era presidido pelo sr. dr. Jacinto Candido.

Real Teatro de S. Carlos

1.º acto, Pateo do palacio de Tadeu de Albuquerque — 2.º acto, O pateo do convento — 3.º acto, Sala do convento

SCENAS DA OPERA «AMOR DE PERDIÇÃO»

Scenographia do sr Salvador Marques

CONSELHEIRO DR. JOÃO ARROYO
Autor da opera «Amôr de Perdição»

DR. AUGUSTO DE CASTRO
Autor da peça «Amôr á Antiga»

EXERCICIOS PELOS RECRUTAS DA ARMADA — GIMNASTICA SUECA

Dos exercicios executados o que despertou mais entusiasmo foi o da luta final, tração, cabendo a vitoria aos marinheiros da *Tejo* ganhando a taça de prata.

Nestes exercicios devemos notar a circunstancia de serem executados por recrutas com 85 dias apenas de instrução, e se este facto abona a agilidade e boa disposição dos novos marinheiros, não menos atesta o bello metodo do instructor sr. Joaquim da Cssta dedicado apologista dos exercicios fisicos, tão uteis, especialmente, para o marinheiro.

O sr. Costa teve como auxiliares os srs. Carlos Villar e o sargento João Lopes.

Folgamos de poder registrar mais este progresso da nossa marinha, que mais vem aumentar o já proverbial valor do marinheiro português.

CARTA A UM AMIGO

I

Estás a esta hora na tua aldeia, na tua aldeia querida, acariciando com a vista o campanario amigo, as casinhas brancas de neve, onde o sól põe uns tons côr de laranja, olhando a horta, a nóra, os bois e quem sabe, oh! Deus! se acariciando tambem as faces bellas e frescamente amorangadas das camponesas do logar!

Foi hontem...

Sumira-se já o sól nos abysmos do horizonte e apenas ao longe, se divisavam escorrendo para éste, uns reflexos escarlates, vistigios unicos do drama terrivel, em que o astro-rei representára o comico papel de victima assassinado pela noite, para a conquista quotidiana do imperio das cousas d'este mundo.

Lá em cima, na immensidade olympica do espaço, as estrellas começavam de pôr-se á janella, olhando medrosamente a terra, tentando surprehendel-a nos seus mysterios, com os seus olhos de fôgo scintillante.

Momentos depois:

A machina já flammeja,
desenrolando o fumo em ondas pelo ar,

echoam na estação as badaladas classicas da sinêta e lá vaes a caminho da aldeia, com um nucleo de saudades revoluteiando te no coração, na ancia febril de serem mitigadas.

E deve ser tão bello, Deus! o vivêr da aldeia, quando n'ella amamos, quando uma santa affeição nos chama de longe, quando o amôr de mãe nos attrahe, arrancando-nos — por dias ao menos — a

EXERCICIOS PELOS RECRUTAS DA ARMADA — SALTO DE ALTURA

este meio de *mangas de alpaca* e de meninas romanticas da baixa!...

Mas, meu caro amigo, ir para a aldeia no inverno!

Que tolice!

Porque não esperaste a primavera?

Quando a calma descesse lá de cima a flagellar a terra, tu, á sombra amiga dos pinheiros, estatelado na relva fresca, com o coração oxigenado pelo ar d'essa manhã formosa, comendo a boa fructa do pomár, nos intervallos da leitura: *onde está a felicidade?* — por exemplo, de Camillo Castello Branco, como tu serias feliz, como tu, assim, me causarias inveja!

Eu conheço de nome a tua aldeia, meu amigo; se a não cantou Camões em formosos decassylabos, o seu nôme suave, como o nôme de Maria, raras vezes figura nos *Carnet Mondains* ou nas *Chronicas elegantes*; orgulha-te, meu amigo, porque tudo isso te diz, que podes gosar livremente o campo, sem precisares vestir uma casaca, sem necessitares enfeitar a *boutonière*, decorar durante o dia a serie de banalidades a dizêr á noite no *club* ás meninas X, que te chamarão tolo, talvêz passada meia hora!...

Mas no inverno! Que loucura! Se fôra na primavera!...

...Lá passam as ovelhinhas, balindo suavemente, accordando com os seus chocalhos, os echos da montanha; o carro de bois cantando pela estrada; o riacho, a egreja, os arvorêdos; aqui a Mariquinhas olhando o conversado, alem um grupo de camponios, cumprimentando o escrivão que passa com o prior...

Mas no inverno! Que loucura!... Que loucura!

Quando a vida do *bom-tom* ruidoza, ululante, impregnada de tantas seducções, abre ruidozamente as portas do seu templo augusto, tu foges, meu pobre amigo, e vaes-te encaixotar no canto d'uma aldeia!

Francamente, será isso de bom gosto?

....

Sim, talvez seja, meu amigo!

Mario de Santa Rita.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO V

Summario

O Moinho de Vento — Uma vista de olhos retrospetiva sobre este arruamento — As casas de Gonçalo Vaz Coutinho e as cavallariças do infante D. Manuel — Citam-se alguns estabelecimentos setecentistas — Os antigos fornos de louça e o pateo do Tijôlo — O arco do Avarista, o alto do Marquês de Penalva e o do Longo — Esmiuçam-se as origens destes nomes — O muro da Patriarcal para o largo das Taipas — Como se salvou Albino de Figueiredo — Um salto feliz — A revolta Militar de 21 de agosto de 1831 — A mãe d'Agua e a Praça da Alegria — Sua origem — A feira da Ladra e o estendal dos ferros-velhos — Os teatros d'Alegria — O palacio azul — Algumas lojas setecentistas da Patriarcal Queimada — A rua da Procissão do Corpo de Deus — A praça das Flores e as ruas do Jasmim e da Palmeira — A antiga quinta do tenente coronel — A ermida de Nossa Senhora da Piedada — Quem era o tenente-coronel, dono da quinta — O ajardinamento da praça das Flores e a historia da grade de S. Pedro de Alcantara — A rua de S. Marçal ou dos Marcos — O velho hospicio dos Jesuitas — Em 1843 reside ahi Castilho — A ermida de S. Francisco de Borja — O que resta da antiga casa dos Jesuitas.

Façamos agora uma breve digressão pelos arredores da praça.

Perto della fica-nos o Moinho de Vento chrismado ha annos em rua de D. Pedro V. Ahi eram, no principio do seculo XVIII, as casas do mestre de campo general Gonçalo Vaz Coutinho onde, ainda em 1711, vivia com 109 annos de idade D. Catharina de Castro, sua filha. (1)

Essas casas deviam de ficar pouco mais ou menos nas cercanias do predio hoje adquirido pelo sr. John, pois um manuscrito coevo menciona-as «*junto ao sitio onde se ha de fazer a casa de conserva da agua*» que era precisamente naquelle pedaço de terreno que dá acesso á fotografia Vasques. (2)

Annos depois, meado daquelle seculo, já o sitio se achava mais povoado.

Em 1760 eram ali as cavalariças do infante D. Manuel, (3) não muito longe talvez de uma casa de bebidas pertencente a um tal Francisco Autonio Bocaraza, italiano de nascimento, onde se jogavam jogos de azar com tal frequencia de rixas, desordens e escandalos, que foi mandada fechar por aviso do Ministerio do Reino de 27 de abril de 1759. (1)

(1) Mobilario Manuscripto de Rangel de Macedo — Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional — Titulo de Continhos.

(2) Roteiro da Agua Livre e agua de Montemor e mais fonte junto a ellas, feito por Pero Nunes Tinoco, moço-arquiteto de S. M., em 25 de Setembro de 1618 — Publicado por João Nunes Tinoco, seu filho, em 1671 — Mss B-5 22 da B. N.

(3) Livro 17 dos Avisos do Ministerio do Reino (1760) existente na Torre do Tombo.

A *Gazeta de Lisboa* ainda nos indica mais como estabelecidas nessas paragens, uma loja de cuteleiro (em 1757) e um livreiro, que em 1760 demorava mesmo defronte da rua da Rosa, chamado Jeronimo Francisco de Araujo.

As primeiras edificações que ladearam aquelle trôço da chamada *estrada de Campolide* datam dos principios do seculo XVII, e foram construidas n'essa época por um rico mercador flamengo, de nome Lourenço Lombardo, que por sua morte as legou á casa do noviciado dos padres da Companhia de Jesus. (2)

Adiante tratarei mais de espaço desta personagem.

Eram ao todo onze essas edificações. Até então apenas se viam galgando o oiteiro, os fornos, os telheiros de louça e a casa solarenga dos Condes de Soure, que uma estreita serventia ainda perpetúa actualmente. E' isto pelo menos o que nos diz o manuscrito já citado, existente na chamada coleção pombalina da Biblioteca Nacional, onde os estudos de nivelamentos para a condução das aguas para Lisbôa vem acompanhados de interessantes documentos gráficos e de desenhos coévos de um alto valor. (3)

Desses fornos ficou tambem memoria no pateo do Tijolo, representante actual da principal industria do bairro onde a materia prima abundava já no seculo XVI.

Do velho pateo pouco sei. Em 1791, arrecadavam-se ahi os materiaes das obras do Erario Novo. Em 1798 habitava o um afamado carpinteiro de séges. (4)

Ha annos houve ali tambem um teatro barraca, de que era emprezario o cabeleireiro Vilar da rua do Loreto. Durou pouco tempo, tendo sido, creio eu, demolido quando se procedeu ao alargamento do Moinho de Vento. (5)

Essas obras, começaram em 1870, mas só uma duzia de annos depois é que a Camara activou a valer as demolições de modo a transforma-la de estreita e infecta ruela, como ainda a conheci, na espaçosa, arejada e alegre arteria que é hoje.

*

Palmilhado o Moinho de Vento (permittam-me que eu continue a chama-lo assim) e antes de desembocar na praça, chama-nos logo a atenção um escuso corredor á direita. E' o arco da Avarista. Façamos ahi outra paragem.

Mal-avindo andará o leitor que o busque por este nome. Similhante serventia não existe já. O que o passeante ou bairrista pode vêr lá hoje é o arco do Evaristo, que é exatissimamente a mesma coisa, apenas com a flagrante alteração no nome, mercê do pouco que tem de pensar os municipes alfacinhas.

Quanto a mim aquelle «*Avarista*» é uma corruptela, por acomodação popular, do termo «*A ver-a vista*», feita á similhança da estrada de «*Aver-mar*» da Povoa de Varzim que oficialmente é conhecida por estrada de «*A-ver-o-mar*». Não repugna aceitar esta designação se pensarmos que ella dava pasagem para o alto do Marquês de Penalva, de onde, ainda hoje, se gosa um excelente panorama a despeito de posteriores edificações ali feitas. O povo, que é um grande sabio, abrevia e acomoda a seu bel-prazer os termos que se lhe tornam dificeis e assim (na minha opinião) de *A-ver-a-vista* fez o *Avarista*.

Os roteiros de 1804 e 1824 não mencionam, talvez por lapso, aquelle arco. Em 1838, porem, um anuncio do *Diario do Governo* chamava-lhe arco da Evarista. Outra corruptela. Ha poucos annos a camara entendeu que aquilo não estava bom, que *ella* devia sêr *elle* e mudou lhe o sexo.

Foi assim que um ilustre Evaristo, que ninguem conhece nem conheceu, passou á posteridade.

Este arco comunicava, ficou já dito acima, com a Cotovia de Baixo ou alto do marquês de Penalva, sitio escuso, de má fama e peor vizinhança. Chamava se do marquês de Penalva, por ser este o dono do pequeno largo e das velhas barracas que o povoavam, habitadas por gente duvidosa e bulhenta.

Em sessão de 6 de maio de 1878 a camara decidiu que se adquirisse o largo ao marquês e se expropriassem as barracas. Foi o que se fez e assim acabou o mais abundante ninho de escandalos e proesas amorosas daquelas paragens. (6)

(1) idem-idem.

(2) Lourenço Lombardo deixou á casa do Noviciado dos jesuitas 21 moradas de casas — As casas que elle edificara para sua moradia comprara-as Roque da Costa no principio do seculo XVIII — L.º das Rendas da casa do Noviciado Março 10.

(3) Roteiro da Agua Livre, já citado.

(4) Archivo Municipal, — Resumo das sessões desses annos.

(5) idem.

(6) idem.

*

Alguns passos mais andados, se nos virarmos para o lado contrario, depara-se-nos, ao topo da rua Formosa, outro alto não menos mal afamado: é o alto do Longo.

O que elle é o o que elle foi!

A camara municipal suou para o sanear, para o destruir, para o civilizar e só a custa de muitas canceiras conseguiu acabar em parte com esse agrupamento de casaria velha e estropiada, esbarrondando-se e aluindo-se que, durante muitos annos pejou aquelle sitio. Finalmente lá se atamancou melhor ou peor aquelle outro ninho de outra especie de miseria.

De onde proveio o seu nome, foi assumpto já estudado n'outro ponto. (1)

Direi entretanto que foi de uma alcunha que elle se originou. A habilitação para familiar do Santo Officio do ourives do ouro José da Silva de Azevedo, estabelecido na rua de S. Julião, dá noticia de um João Francisco, chamado o *Longo* — talvez por sua desmedida estatura — morador na freguesia das Mercês, ao alto da rua Formosa, no 1.º e 2.º quartel do seculo XVII. (2)

Tem pois tal denominação para cima de tresentos annos de existencia.

Ponham aqui os olhos senhores vereadores. Não vá dar-lhes a veneta de apagar daquelle cunhal a alcunha de um quarto avô de Alexandre Herculano e substitui-lo pelo nome de algum amanuense das secretarias de Estado!

(Continúa). G. de Matos Sequeira.

NECROLOGIA

Dr. Guilherme de Vasconcellos-Abreu

«Pense o sabio no estudo e no saber como se nunca envelhecesse nem morresse e cumpra com o dever como se a morte o estivesse arrebatando pelos cabellos». Foi este apophthegma hindú a divisa seguida sempre pelo amigo e professor dilecto que a morte, impiedosa e traiçoeira, nos roubou ha vinte dias. Conheciamos o estado de saude do eminente sãoskritologo, sabiamos que a sua vida, de ha mezes a esta parte, era uma agonia lenta e torturante, comtudo a noticia do seu fallecimento surprehendeu-nos como se elle não fosse inevitavel, causou-nos a mais profunda dôr, como se o antigo professor fosse pessoa de nossa familia.

É que privámos durante tres annos, quazi dia a dia, nas aulas do Curso Superior de Lettras, ou, quando a doença o não deixava sahir, em sua casa da Rua Castilho, na sua esplendida bibliotheca onde o perfil grotesco d'um Buddha, uma inscripção devanagrica, as tapeçarias da India nos davam a impressão de havermos sido transportados a um meio oriental, de uma arte fina e exquisita.

Mas não era preciso tanto, Vasconcellos-Abreu pela bondade do seu caracter, pela sua delicadeza fidalga impunha-se á sympathia de todos quantos tinham occasião de lhe fallar; não preparava a amabilidade banal e hypocrita como não sabia esconder o desagrado que votava áquelle que se lhe approximava. De uma memoria assombrosa, quazi brahmanica, chegando a citar de prompto, com uma precisão extraordinaria, as passagens mais difficeis dos textos vedicos, de uma erudição pouco vulgar em todos os ramos de sciencia, Vasconcellos-Abreu tambem não monopolisava, como alguns dos muitos professores que tivemos, o producto do seu saber, do seu estudo e das suas investigações.

Possuindo um methodo rigoroso de exposição conseguia tornar faceis os transcendentes e complexos problemas de philologia aryca, interpretar, com clareza os differentes rituaes hindús. Conhecendo como Haug e Bergaignhe, seus professores em Munich e Paris, e ainda como Kuhn, a importancia da mythologia comparativa e da historia das religiões como elementos preciosos para a descoberta do fundo commum das crenças arycas, foi este estudo que lhe mereceu maior predilecção, tendo publicado sobre tal assumpto varias memorias, algumas das quaes não só citadas como traduzidas por sabios estrangeiros, passando este facto desappercebido entre nós, porque a excessiva modestia do auctor não fazia descer á redacção dos jornaes a noticia do seu triumpho e mesmo porque, em Portugal, pouco ou nenhum interesse se liga a esta ordem de estudos. A ignorancia indigena contenta-se com pouco!

É com que intensidade de côres, com que precisão

(1) Illustração Portugueza, n.º 16 de 1906.

(2) Processo n.º 660 — Maço 41 — Torre do Tombo.

de detalhes elle sabia descrever as phantasticas lendas indianas de uma tão emotiva e profunda originalidade! Animava-se então. Os olhos parecia sorrirem-lhe atravez os dois pares de oculos que costumava usar quando trabalhava, e, ora lentamente, ora, n'umas pinceladas quentes, vibrantes, e vertiginosas, expunha-nos ante os olhos os mais soberbos quadros da poesia e da paysagem oriental. E, facto notavel, apezar de conhecer, alem de muitas linguas antigas do oriente, os principaes idiomas modernos, escrevendo e fallando alguns com absoluta correcção, este polyglottismo não o levava a mesclar com estrangeirismos quer a linguagem fallada quer a escripta, sendo sempre de uma vernaculidade modelar.

* * *

Vasconcellos-Abreu que começára a interessar-se pelo estudo das antiguidades aryeas desde novo, parte em 1875 para Munich onde continua a trabalhar sob a direcção do grande orientalista Martinho Haug, lente de litteratura e lingua sãoskrita classica e vedica e de grammatica comparada na Universidade bavara; por morte d'esse eminente professor, dirige-se a Paris a estudar com Bergaigne, e ahi consegue ouvir o grande egyptologo Maspero, Oppert em assyriologia, Broca, Topinard, Mortillet, Hovelacque e muitos outros, sendo essas famosas licções. como elle proprio confessava, de uma grande utilidade não só para a sua cultura geral, como de muito proveito para os seus estudos especiaes. Em 77 regressa a Portugal, toma posse da cadeira de litteratura e lingua sãoskritica do Curso Superior de Lettras, e dedica-se exclusivamente á redacção e publicação de varias obras didacticas e de investigação, deixando ainda inedita aquella em que punha todo o cuidado e todo o seu saber — «A historia da litteratura e da civilisação aryca». Comtudo é vasta e importante a lista de volumes, relatorios e opusculos scientificos e litterarios publicados em portuguez e francez pelo distincto saoskrotologo; gostariamos de a inserir integralmente, mas estamos separados dos nossos livros e por isso apenas indicamos os de maior vulto.

Investigações sobre o caracter da civilisação árya-hindú, Imprensa Nacional. — 1878. — *Importancia capital do sãoskrito como base da glottologia arica e da glottologia arica no ensino superior das lettras e da historia*, idem. Estes trabalhos mereceram a Littré referencias muito elogiosas e são dois documentos eloquentes do aproveitamento alcançado por Vasconcellos Abreu no estrangeiro.

O Reconhecimento de Xakuntalá, idem. — *Grammatica da lingua sãoskrita*. - 1879, idem. C. Harlez o iranista professor da Universidade de Louvain confessa no «Muséon» ser este resumo grammatical «um excellente manuel . . . ». — *Fragmentos de uma tentativa de estudo scoliastico da Epopea Portugueza*. — 1880. A 2.ª parte d'este estudo foi traduzido em inglez por Donald Fergusson. — *De l'Origine probable des Toukhares et de leurs migrations à travers l'Asie*. — 1880. — *Gramática do sanscrito classico*. — 1881. — *A litteratura e a Religião dos Arias na India*. — 1885. — *Bases da ortographia portugueza*. Collaboração de Gonçalves Vianna. — 1885. — *Noções elementares de geographia geral*. — 1888. — *Gramática e antologia*. — 1889. — *Chrestomatia, classica*. — 1891. - *Summario das Investigações em samscritologia desde 1886 até 1891*. — 1891. Escripto a convite da commissão organisadora do congresso internacional de orientalistas, de Londres. — *Vocabulario e notas filológicas*. — 1898. — *Chand-Bibi ou a Sultana branca de Amenagara*. — *Sobre a séde originaria da gente arica*. — *Questions Védiques*. — *Conjecturas sobre analogias entre o Buddhismo e Philosophia grega*, etc., etc.

Commissionado pelo governo fez varias viagens de estudo a França, Allemanha e Inglaterra e tomou parte activa em todos os congressos de orientalistas. No reunido na Universidade de Christiania apresentou uma desenvolvida memoria sobre a inscripção indiana encontrada em Cintra, na quinta que foi de D João de Castro, sendo esse trabalho aproveitado pelo grande epigraphista austriaco Bühler e mais tarde publicado na 5.ª e 6.ª parte da *Epigraphia Indica*.

Como recompensa de tantos serviços prestados em favor da divulgação dos estudos sãoskrilotogicos, lá fóra tão apreciados, e em signal de apreço e de estima, Vasconcellos-Abreu recebeu de estrangeiros illustres e de academias e institutos importantes as mais honrosas referencias e distincções.

Era official da ordem de Santiago, e commendador da ordem de Gustavo de Wasa; socio da Academia Real das Sciencias, da Societé Asiatique, da Societé Académique Indo-Chinoise, da Sociedade Academica Hispano de Tolosa, de Anthropologia de Paris; do gabinete Portuguez de Pernambuco; do Instituto de Coimbra; das Sociedades de Geographia de Lisboa e Porto; da Association Phonétique International, etc., etc.

Era bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, possuia tambem as palmas de official da Academia de Paris e as insignias de grande official da ordem de Mejidie.

O mallogrado professor deixa alguns discipulos, a estes compete divulgar e continuar a sua obra onde ha muito a aprender, muito material e optimos modelos para trabalhos futuros. E, depois, quem o fizer tornará em realidade a maior aspiração do mestre querido. «O meu trabalho ahi fica. Dou os meus sacrificios por bem empregados se alguem um dia tirar proveito dele pelo seu estudo e mais para ensinamento de outros». *(Prefacio do Voccabulario)*.

A sua memoria, como já alguem escreveu, ha-de ser sempre chorada em lagrimas de profunda estima e saudade e ficar perpetuada como legitimo orgulho das sciencias e lettras patrias.

Á familia, d'aqui novamente lhe endereçamos a expressão mais magoada e sentida do nosso pezar.

Figueira da Foz, 21 de Fevereiro de 1907.

ELOY DO AMARAL.

Salvador Marques

Damos hoje o retrato d'este distincto escriptor e estimado emprezario theatral, cujo passamento se deu a 14 de fevereiro, causando profunda magoa em todos que o conheciam e tiveram occasião de apreciar o seu excellente caracter.

Salvador Marques da Silva nasceu em Alhandra a 9 de julho de 1839, tendo estudado preparatorios no seminario de Santarem e Polytechnica de Lisboa, e chegando até ao 3.º anno da escola medica, que abandonou por fallecimento de seu pae.

Recolhendo á terra da sua naturalidade ali esteve alguns annos administrando as suas propriedades, entretendo as horas vagas a lêr theatro, para o qual sentia irresistivel attracção. E, tendo mandado construir um pequeno palco, com todos os pertences necessarios, para elle escrevia as peças que ensaiava e representava com o auxilio de alguns amadores dramaticos da villa.

Estas producções, que tinham incontestavel valor, eram bem dignas de figurar no repertorio dos theatros da capital, mas Salvador, com o seu feitio modesto e despreoccupado, não pensava em semelhante cousa.

Um amigo, porém, trouxe para o antigo proscenio da Rua dos Condes o seu drama em um acto, *Fome e Honra*, e o agrado, que obteve, foi tal, que influiu o bom do Salvador a apresentar obra de mais folego. Foi então que appareceu na mesma scena a sua oratoria *Santa Quiteria*, que fez successo.

A empreza do Gymnasio, em vista do exito do novel escriptor, pediu-lhe uma peça, e conseguiu d'elle o magnifico drama em tres actos, de costumes ribatejanos, *Os Campinos*, que já tinha sido representado pelos curiosos de Alhandra.

A apparição dos *Campinos* no Gymnasio constituiu um verdadeiro acontecimento, tantas foram as ovações que arrancaram aos espectadores. Realmente esta excellente peça, que conta centenas de recitas, é um modelo como obra litteraria, theatral e de observação.

O cérebro que a germinou poderia certamente ter enriquecido a litteratura dramatica nacional com muitos e valiosos trabalhos congeneres, os quaes, pela felicidade do inicio, seriam dignos de figurar ao lado dos melhores que teem sido submettidos á apreciação publica. Mas, infelizmente, Salvador Marques, aliás um espirito esclarecido e intelligente, não o entendeu assim, contentando-se em produzir apenas traducções, embora de muito mérito, como as das peças francezas *Luiz XI e os srs. feudaes, Alegria da Casa, Arlequim, Tomada da Bastilha, No tempo de Luiz XV, Mercadet*, e em collaborar na feitura de revistas do anno como a *Roda Viva* e a *Dobadoura*.

Redigiu varios periodicos, a maioria dos quaes dedicados a assumptos scenicos, e publicou numerosas criticas de tauromachia, arte em que era muito entendido. As suas criticas tornaram-se notaveis pela auctoridade e criterio com que eram escriptas e tambem pela elegancia do estylo, difficil de se coadunar a artigos de materia taurina.

Salvador Marques foi longos annos emprezario do demolido theatro dos Recreios e depois do Avenida e Rua dos Condes e conhecia como poucos o *métier*, pois apesar d'este facto morreu pobre e tão pobre que necessitou do auxilio de amigos dedicados que lhe promoveram um espectaculo, cujo producto veio por alguma forma suavisar lhe os ultimos dias, bastante amargurados tambem pela morte de dois entes queridos: — um filho e uma filha.

Era um bom, e, por isso mesmo, foi um infeliz!

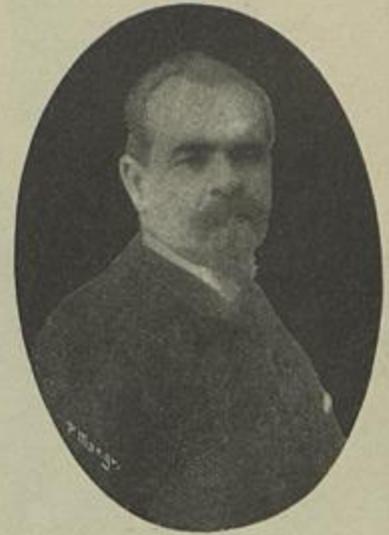
Paz á sua alma.

PEDRO PINTO.

Barão de Esposende

Faleceu em Esposende, sua terra natal, no dia 11 de fevereiro findo, o Barão de Esposende, um benemerito que encheu de beneficios a sua villa como filho dedicado e amante do torrão que lhe foi berço.

Antonio Pereira Motta, primeiro Barão de Esposende, nasceu naquella encantadora villa do Minho a 25 de julho de 1829, filho de José Pereira da Motta e de D. Rosa de Lima Araujo.

Novo ainda, mas cheio de vontade de trabalhar e pelo trabalho conquistar posição na sociedade, seguiu, como tantos outros portuguêses, a quem a terra natal é pequena esfera para a sua atividade, esse caminho aberto para terras de Santa Cruz, que a muitos sorri como terras da Promissão, onde com tudo alguns pagam com a vida seu arrojo, ou vêem perdidos seus sonhos dourados, desfeitos pela cruel realidade arrastando uma existencia miseravel.

BARÃO DE ESPOSENDE

Antonio Pereira Motta foi dos felizes, sahindo vitorioso da luta. Com inteligencia e trabalho conseguiu adquirir meios de fortuna ao fim de alguns annos, tendo casado, na cidade de S. Luiz do Maranhão, com D. Maria Evarista Purga da Silva, de que houve um filho do mesmo nome que seu pae e que nasceu a 13 de abril de 1856. Tendo falecido sua esposa em 1858, passou Pereira Motta a segundas nupcias com sua cunhada D. Sizinia Amelia Purga da Silva, que foi mais tarde Baronêsa de Esposende, quando seu marido foi agraciado com este titulo em 1879.

Regressando á patria e á sua terra natal, foi para esta um filho dedicado, promovendo-lhe importantes melhoramentos, valendo-se para isso não só dos seus meios de fortuna, mas tambem da sua influencia politica pois que, tendo filiado-se no partido progressista, foi chefe desta fação em Esposende e representou aquelle circulo em côrtes, em varias legislaturas.

Entre os muitos beneficios que o concelho de Esposende lhes deveu, o não menos importante foi a construção da ponte do Cavado em Fão, obra de grande importancia local, Tudo que fosse para engrandecimento da sua terra, tinha no Barão de Esposende o mais decidido protetor, quando não era elle o iniciador, gosando e sentindo-se feliz em ser prestante a seus conterraneos, que muito lhe queriam tambem.

Um grande desgosto, porém, feriu seu coração ainda não ha muito tempo, o qual foi o falecimento de sua esposa, desgosto que o levou ao desespero de querer tentar contra a propria existencia.

Entretanto a doença assenhoreou-se delle, invalidando-o com uma terrivel paralisia que o tolheu, deixando-lhe contudo livre as faculdades intelectuaes que conservou até aos ultimos momentos de sua vida.

A sua morte foi um luto para Esposende, que perdeu um dos seus filhos mais prestantes e que mais queria á terra em que nasceu.

D. Diogo de la Cruz Quesada

Entre os homens ilustres que a morte arrebatou,em Lisboa, nestes principios de anno, e que infelismente tantos são já, temos que registar hoje nesta secção lutuosa a de um estrangeiro, que ha mais de 30 annos residia em Lisboa, e que por suas excelentes qualídades se tornou estimado e respeitado na nossa sociedade, D. Diogo de la Cruz Queseda.

O ilustre extinto nasceu em Granada no anno de 1834 e na Universidade granadina se formou em direito. Na sua terra estabeleceu banca de advogado durante alguns annos e foi governador da cidade, até que questões politicas o levaram a deixar a Espanha e a vir para Portugal ahi por 1872.

Estabelecendo sua residencia em Lisboa, aqui se constituiu patrôno da colonia espanhola, adquerindo grande prestigio entre seus

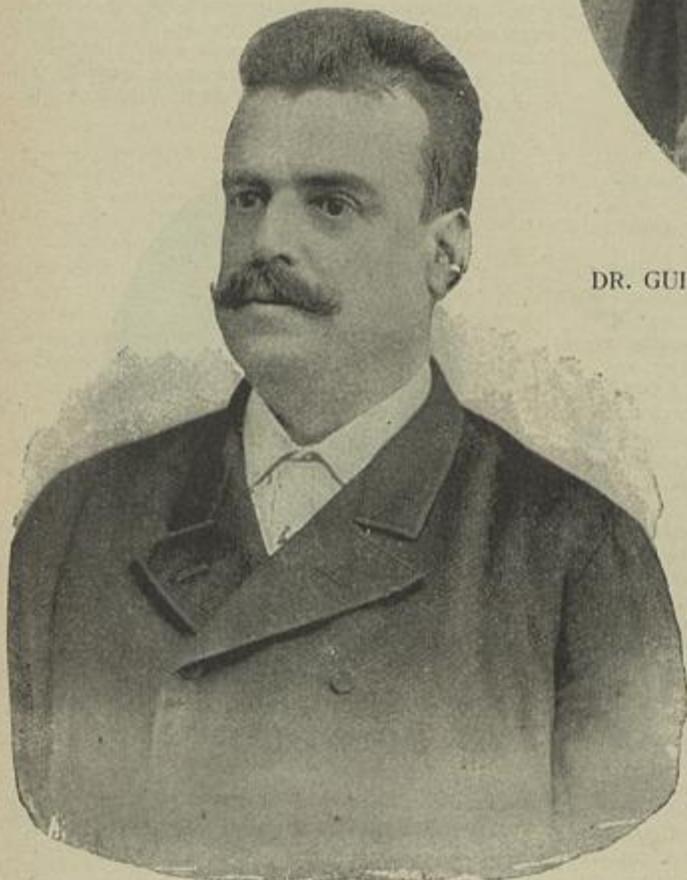
DR. GUILHERME VASCONCELLOS-ABREU

patricios, que tinham por elle a maior veneração, procurando o sempre para lnes advogar suas causas, como jurisconsulto distinto que era.

D, Diogo Quesada foi um dos fundadores da Camara de Comercio, que bons serviços tem prestado nas relações comerciaes entre os dois paises, e para isso muito contribuiu a influencia do ilustre extinto relacionado com os principaes homens politicos do visinho reino.

Nesta capital exerceu Quesada o cargo de consul da Bolivia. Era presidente do conselho fiscal do Banco Comercial de Lisboa e membro da associação *La Fraternidad*.

Possuia as commendas de Cristo, de Isabel a Catolica e de Carlos III.

A sua morte, ócorrida em 22 de fevereiro findo, foi muito sentida pela colonia espanhola e pela sociedade de Lisboa, onde o falecido contava numerosos amigos.

SALVADOR MARQUES

D. DIOGO DE LA CRUZ QUEZADA